

# Globethics Repository



## Violência juvenil [Juvenile violence]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

|               |                                                                                                   |
|---------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Item Type     | Article                                                                                           |
| Authors       | Henn, Ronaldo César                                                                               |
| Publisher     | Instituto Humanitas Unisinos - IHU                                                                |
| Rights        | With permission of the license/copyright holder                                                   |
| Download date | 2026-07-15 10:02:11                                                                               |
| Link to Item  | <a href="http://hdl.handle.net/20.500.12424/163379">http://hdl.handle.net/20.500.12424/163379</a> |



### Editorial

*A juventude volta a ser tema de capa do boletim do IHU. Há meses, discutimos o nomadismo dos jovens, hoje. Nesta semana, debatemos o desafio da violência juvenil e o modo como ela é tratada pela mídia. Ronaldo César Henn, Carmen de Oliveira, pesquisadores da Unisinos, Rodrigo de Azevedo, pesquisador da UFRGS, Esther Hamburger, professora da Escola de Comunicações e Artes da USP, Alex Niche Teixeira, professor nas Faculdades Rio-*

*Grandenses – FARGS, de maneira interdisciplinar, debatem o tema que, atualmente, é um desafio para a sociedade brasileira. Aliás, “violência, sociedade e cultura” é um dos grupos de trabalho da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS, cujo 27º Encontro Anual se realizou recentemente em Caxambu, MG. A recente demissão do secretário nacional de segurança pública, Luiz Eduardo Soares, recolocou o tema da violência nos jornais e na agenda da própria ANPOCS. O IHU Idéias abordará, nesta semana, o tema “Balas perdidas na imprensa: a violência juvenil em debate no RS”.*

*Como contribuição para a análise da conjuntura brasileira, colocamos à disposição uma instigadora entrevista de Joseph Stiglitz, na qual ele analisa, além do significado do recente fracasso da reunião da OMC, em Cancún, a política econômica do governo Lula, comparando-a com a do governo Clinton. Esta entrevista, juntamente com o artigo “FHC, Lula e a ‘missão paulista””, inspirado no livro do sociólogo Gilberto Vasconcellos, podem ajudar a entender melhor o atual governo, que tantas perplexidades tem causado.*

*Uma ótima leitura e uma excelente semana!*

### **VIOLÊNCIA JUVENIL: A IMPRENSA FOGE DESSE DEBATE**

**IHU On-Line** entrevistou os professores da Unisinos Dr. Ronaldo César Henn e Dr<sup>a</sup>. Carmen de Oliveira sobre o tema que apresentarão no **IHU Idéias** da próxima quinta-feira, dia 6: Balas perdidas na imprensa: a violência juvenil em debate no RS. Ronaldo, do PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos, é graduado em Jornalismo, e mestre e doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São

Paulo, PUC-SP. É autor dos livros **Pauta e Notícia, uma Abordagem Semiótica** (Canoas: Editora da Ulbra, 1996) e **Os fluxos da notícia, uma semiose sistêmica** (São Leopoldo: Unisinos, 2002). Carmen é professora do PPG em Ciências da Saúde da Unisinos. Graduiu-se em Psicologia, cursou mestrado em Psicologia Clínica e obteve doutorado na mesma área, também na PUC-SP. É autora de **Sobrevivendo no inferno: a violência juvenil na contemporaneidade** (Porto Alegre: Sulina, 2001). IHU On-Line publicou uma entrevista com a professora sobre jovens e Hip-Hop na edição nº 71, do dia 18 de agosto de 2003. Conforme os dois pesquisadores, a imprensa não contextualiza, subestima e até evita o problema da violência juvenil, que aparece como resultante de indivíduos desequilibrados, sobre os quais as comunidades não parecem ter responsabilidades. O **IHU Idéias** é gratuito e acontecerá na sala 1G119, das 17h30min às 19h.

**IHU On-Line – Como a pesquisa foi feita e quais suas constatações básicas?**

**Ronaldo Henn** – Examinamos como a violência juvenil aparecia na mídia. Trabalhamos com os jornais **Zero Hora** e **Correio do Povo**, no ano de 2001, durante os meses de janeiro a abril. Fizemos um levantamento das notícias sobre crime para identificar sobretudo as fontes preponderantes, os focos, os enquadramentos, os temas relevantes e os destaques, as tipologias de crime que iam aparecendo. No bojo dessa pesquisa, apareceu a criminalidade juvenil como algo subdimensionado.

**IHU On-Line – Como se apresenta esse subdimensionamento?**

**Carmen de Oliveira** – Ele aparece numa relação inversa ao que as estatísticas têm demonstrado no Brasil. Na verdade, o adolescente é muito mais vítima da violência do que autor da violência. Mas as páginas policiais da **Zero Hora** dão uma impressão contrária. Por exemplo: uma matéria, com uma grande manchete, informa que um adolescente matou um motorista de táxi. E no rodapé, numa notinha singela, em poucas linhas, informa que um adolescente foi encontrado morto nos matagais de São Leopoldo. Cabe perguntar por que se dá mais ênfase à prática da violência desse adolescente, do que à praticada contra um adolescente, noticiada na mesma página. As estatísticas mostram que, para cada adolescente que pratica um homicídio, nós temos quase cinco adolescentes que morrem vítimas de homicídio.

**IHU On-Line – Quais são as características dessa violência?**

**Carmen de Oliveira** – Os delitos predominantes dos adolescentes infratores, no Brasil, são os praticados contra o patrimônio, numa proporção de quase 60 por cento. Delitos contra a vida ocorrem na proporção de 20 por cento. Mesmo assim, o adolescente é mais vítima do que propriamente o autor. São delitos que servem como “atalhos de reconhecimento social” em uma sociedade onde esse adolescente de periferia tem baixa escolaridade. Ele tem poucas chances de ingressar em um mercado de trabalho cada vez mais seletivo e, ao mesmo tempo, há muitos apelos de consumo colocados a esse consumidor jovem, a exemplo das roupas de grife, que são verdadeiras senhas de reconhecimento no campo social. Sendo barradas as chances de mobilidade social, muitas vezes só resta ao adolescente a sedução de buscar no delito uma forma não só de obtenção de renda, mas também de prestígio social. Na vila, o bandido sinaliza para a juventude não só uma possibilidade de ganhos financeiros que o assalariado não conseguiria, mas também a ascensão social.

**IHU On-Line – Como os jornais registram os episódios de violência?**

**Ronaldo Henn** – Além do subdimensionamento mencionado, que faz parecer que o crime contra a vida seja algo recorrente, o que não corresponde às estatísticas, há a redução das fontes com as quais os jornalistas de polícia trabalham. As fontes citadas, de 80 a 90 por cento,

são fontes policiais. E grande parte delas baseia-se unicamente nos boletins de ocorrência, não há investigação. E os homicídios dos quais o jovem é vítima aparecem apenas como notas. Muitas vezes, elas não são nem identificadas, são pessoas sem rosto, sem referências. Esses homicídios ocorrem mais nos fins de semana, e, nas segundas-feiras, os jornais registram, em média, de oito a casos.

**Carmen de Oliveira** – Foi feita uma pesquisa em nível nacional pela Agência Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, que trabalha para criar uma política de comunicação respeitosa aos direitos. Nessa pesquisa, a **Zero Hora** está em 17º lugar no ranking das empresas jornalísticas quanto ao tratamento do assunto. Trata-se de uma pesquisa que avalia aspectos quantitativos e de conteúdo (o **Correio do Povo** não foi incluído na amostra) e assinalou os problemas que a nossa pesquisa identificou, como a redução das fontes. E isso é problemático, porque deveríamos ter delegacias da criança e do adolescente, especializadas, conforme a lei possibilita. Como não existe essa rede de delegacias, não temos também policiais com treinamento específico para esse tipo de flagrante, esse tipo de registro da ocorrência. A nossa pesquisa também mostrou que, quando se trata um jovem de melhores condições econômicas, o cuidado com as fontes é visível. Aí aparece um familiar dando depoimento, o próprio jovem se defendendo, o seu advogado, um especialista... Quando é o jovem anônimo da periferia, ele transforma-se em duas ou três iniciais, e a fonte é o boletim de ocorrência.

**IHU On-Line – Os jornais acentuam os traços da violência praticada pelos mais pobres? Qual é a “cara” desse jovem violento, conforme a pesquisa?**

**Ronaldo Henn** – Existe uma certa estereotipia, é um menino de rua, um jovem de periferia, na faixa etária de 16 a 18 anos, que já teve passagens pela polícia. Mais do que acentuar a violência dos jovens das periferias, ao mesmo tempo em que é dado um grande destaque a um latrocínio, por exemplo, isso vai repercutir em outros jornais. Então começa a se criar uma discussão em torno da legislação relativa aos jovens, a redução da idade penal. Cria-se um insumo para que esse tema entre em pauta e vá para todos os campos opinativos dos jornais e para os demais veículos. Gera-se um fato noticioso de repercussão midiática ampla.

**IHU On-Line – Os veículos pesquisados apresentam diferenças significativas no tratamento do tema?**

**Ronaldo Henn** – A ênfase da **Zero Hora** é mais acentuada do que a do **Correio**, mas as diferenças não são grandes. Os problemas em relação à redução de fontes e a falta de nexos contextuais estão em todos os jornais.

**Carmen de Oliveira** – A diferença maior diz respeito ao fato de que a **Zero Hora** deixa este tipo de notícia mais espalhada ao longo das suas páginas, inclusive nos editoriais, enquanto no **Correio** ela fica concentrada na página policial.

**Ronaldo Henn** – No período pesquisado, há uma clara migração da temática da criminalidade para outras editorias, ela fica pulverizada nas colunas, na política, no editorial...

**IHU On-Line – Como essa descontextualização se manifesta?**

**Ronaldo Henn** – As mortes são noticiadas como fatos isolados, não são conectados com a questão mais ampla da grande violência, da qual o jovem é a vítima central.

**Carmen de Oliveira** – Os episódios que aconteceram recentemente na região de Passo Fundo, o desaparecimento dos meninos, agora começa a ter um certo nexos, mas o tratamento inicial da notícia foi como se isso fosse algo pontual, individualizado. Como se fosse um problema de um garoto, como se isso não tivesse nada a ver com a comunidade, com o seu município. Por

exemplo, quando há notícias de assaltos em São Leopoldo, ou briga de jovens, não há referências sobre o quadro da violência juvenil nesse município, que é grave, porque há uma insuficiência de políticas públicas voltadas para a juventude. As notícias não se referem à problemática geradora dessa situação, como se o menino tivesse entrado em surto e pegado uma arma; como se não existisse uma engrenagem produzindo esse tipo de comportamento, esse tipo de sintoma social.

**IHU On-Line – Em algum momento essas notícias são contextualizadas?**

**Ronaldo Henn** – Raramente, às vezes nos editoriais. Houve um episódio em Santa Maria, uma chacina que foi noticiada com destaque, porque parecia ser uma nova modalidade de crime que se instalava no Estado. Então houve editoriais, em especial na **Zero Hora**, assinalando a preocupação com esse crime, mas essa preocupação estava mais voltada ao surgimento de crimes novos do que com a generalização da criminalidade. Em geral, esse tipo de notícia serve de suporte para manifestações de opiniões pré-estabelecidas sobre o tratamento penal, normalmente favorecendo uma visão repressiva, a pena de morte.

**Carmen de Oliveira** - No caso do jovem, a notícia é mais descontextualizada. Nos conteúdos voltados para os jovens, se pautam drogas, gravidez, aids. Mas a violência juvenil não é relacionada nos cadernos juvenis. Se queremos trabalhar uma nova mentalidade da juventude sobre as drogas e a violência juvenil, ela poderia estar classificada como um problema dessas novas gerações, e não como uma notícia de página policial. Os especialistas falam sobre todas as áreas, mas não sobre violência juvenil. A **Zero Hora**, aliás, é um dos poucos jornais com grande tiragem que mantém páginas policiais. E sabe-se que os jornais não têm mais as páginas policiais, têm mais qualidade investigativa, trabalham com outra lógica na veiculação da notícia. Na **Folha de São Paulo**, por exemplo, esse tipo de assunto está no caderno “cidade”.

**Ronaldo Henn** – Vale destacar que, no levantamento que fizemos, a descrição de como o corpo do jovem em situação de vítima é encontrado, sugere duas coisas: confronto com a polícia ou disputa pelo controle do tráfico. São indícios bem evidentes que não são explorados jornalisticamente.

## ESCOLA, DESEMPREGO E VIOLÊNCIA

### Entrevista com Rodrigo de Azevedo

*Rodrigo de Azevedo é doutor em Sociologia pela UFRGS e pesquisador do grupo de pesquisa Violência e Cidadania. O programa envolve três professores e os alunos do Programa que trabalham a questão da violência. A pesquisa aborda a violência na Escola, a formação e reforma do sistema policial e um mapeamento da violência no Município de Porto Alegre que busca situar espacialmente os principais delitos na cidade. Há um estudo da reincidência do sistema prisional um acompanhamento do funcionamento do sistema de justiça criminal.*

**IHU On-Line- Qual é o perfil mais encontrado na criminalidade em Porto Alegre?**

**Rodrigo de Azevedo**- A maioria das vítimas dos homicídios se situam entre 15 e 25 anos de idade. Esse fenômeno é nacional, não acontece só no Estado. Mais da metade dos índices de homicídio no País se concentram nessa faixa etária e no sexo masculino. Nessa faixa etária, existe uma relação com o problema de tráfico de drogas. Criminosos que atuam na periferia dos grandes centros têm uma grande capacidade de atração dessa juventude que se encontra com dificuldade de ingresso no mercado de trabalho e vêem também, nessas organizações, uma